



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

O TRABALHO DE NÃO QUERER TRABALHAR



Não procurar na Historia datas memoraveis para que sejam hoje



PALESTRA AMENA

A vida humana

Acenderam justificadas indignações os ultimos atentados pessoais e publicaram-se nos periodicos artigos condenatorios, que não podem deixar de ser meditados. A vida humana é sagrada— diz-se, por logar comum— e na verdade— o destrui-la produz uma repugnancia— que parece derivar d'uma causa misteriosa e intangivel, bem diferente da que sentimos perante qualquer outra monstruosidade.

A Natureza mais não faz, em qualquer das suas manifestações, senão transmitir a vida; é esse o seu empenho unico e d'ele deriva toda a harmonia que presenciamos e que sentimos; a outro fim não tendem as leis naturais, porque a vida universal é a propria Natureza, que sem ela seria o nada, incompreensivel. Se n'essa vida não ha funções que a destrua, a vida humana, tal qual nos é permitido concebê-la, aparentemente superior á actividade vital de qualquer atomo, pode, porém, alguém modifica-la, integrando-a n'aquela, isto é, pode ser aniquilada a perfeição que se chama «homem», ficando apenas a materia, não inerte, mas com a vida geral, permita-se-nos a designação. E' um acto simples, mas são tão formidaveis os seus efeitos, que nos produz o maior horror, como agora está acontecendo. Comtudo...

Comtudo é de estranhar que a reprovação, assim indignada, não se manifeste sempre que se comete um assassinio. A brutalidade, seja qual for a sua causa, é sempre a mesma e produz sempre os mesmos resultados; então, porque é que se tem uns assassinos por sympathicos e outros por antipáticos? Matar não é sempre matar, seja na guerra, seja n'um duelo, seja de qualquer forma, ainda mesmo a que os codigos protejam?

Ha só uma excepção, quanto a nós, isto é, um caso em que se justifica o destruirmos uma vida humana: é em defeza da nossa, porque tratando-se de suprimir uma unidade social, valem tanto como outra qualquer. Temos ditto e ditto bem.

J. Neutral.

Cá está o Marques

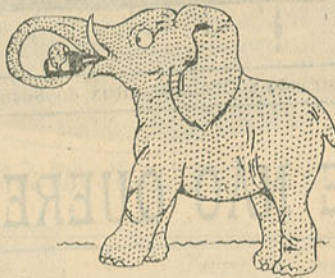
O Marques, como muitas outras pessoas também dotadas de talento, enriqueceu com a guerra e muito mais com a paz que se lhe seguiu, de modo que resolveu ir fazer uma viagem pelo sul da Europa. Um amigo, a quem ele contou os seus projectos:

- Então vais á Italia, hein?
—Pudera!
—Tencionas vêr o Vesuvio?

O Marques, indeciso:
—Ainda não sei, mas se queres algum recado para ele, dize sempre...

Adjectivando

N'outro logar prestamos, na linguagem dos deuses, como é proprio do assunto, a nossa homenagem ao ex.º sr. Ipana, o dignissimo elefante que ha dias foi oferecido ao Jardim Zoologico, mas não julgamos de mais dedica-lhe algumas linhas de prosa, para dizermos que a imprensa, embora dedicando-lhe os elogios a que tem jus, se tem mostrado hesitante quanto á adjectivação do bruto. Temos na nossa presença um jornal que lhe chama «notavel paquiderme» e lemos n'outros «corpulento



animal», «interessante exemplar», «formoso bicho», etc.

Acima lhe chamamos «dignissimo», mas, com franqueza, ainda não estamos satisfeitos com a qualificação. «Dignissimo» é qualquer chefe de repartição, «notavel» é qualquer poeta de tres ao vintem, «corpulento» não é encomiastico, «interessante» é qualquer menina que toca o maxixe e «formoso» é qualquer garoto ranhoso.

Ora, como o dito animal costuma ir ao restaurante do Jardim estender a mangueira e tomar a sua cerveja, de que muito gosta, podemos talvez chamar-lhe... absorvente.

A' primeira vista parece idiota, mas não deixa de ter uma tal ou qual propriedade; mais do que a «excelencia», por exemplo, com que mimoseamos todo o fiel patife.

Amabilidades

O celebre inventor Marconi, na sua passagem pelas costas portuguezas, saudou riosamente— por meio de radios— varias pessoas amigas e conhecidas cá de Lisboa, entre elas os membros da imprensa, pelo que lhe estamos muito obrigados, e terminadas as saudações fez ouvir uma canção italiana tocada n'um gramofone, que se ouviu distintamente no posto do Monsanto. A resposta foi, de cá, uma canção portugueza, que a bordo do «Electra» foi aplaudidissima, e que os jornais não dizem qual fosse, mas vamos nós dizerlo. Foi o

Ora vai tu,
Ora vai tu,
Ora vai, vai,
Ora vai tu
Que eu não posso
Ai! ai!

Peças teatrais

O nosso amigo e colega E. de O. é um terrivel desmancha-prazeres, como hão de ter visto no «Seculo», edição da noite. Lá porque o secretario de uma empreza teatral duvidou de que tivéssemos criticos, dá uma d'estas sovas em secretarios, autores e actores que os deixa a escorrer saugue. Salva as excepções, já se sabe, mas como estas confirmam a regra...

N'um dos artigos revela, até, que muitas das peças que ao publico são servidas como originaes, não passam de indecentes plagiatos. Será assim, realmente? pergunta o leitor.

Ora então, leia isto.
Ha anos representou-se no Ginasio uma comedia que não desagradou, de autor de fracos recursos, mais habituado a ser pateado do que aplaudido.

—Bravo! o rapaz emendou-se! comentaram os amigos, rendendo-se á evidencia.

D'aí a tempos um amigo nosso (se prometem guardar segredo, sempre lhes diremos que foi o Faure da Rosa) encontrou-nos e perguntou:

—Você já leu o conto tal e coizas, de Catulle Mendès? (parece-nos que disse Catullo Mendès).

—Não, respondemos.
—Pois é a peça de F., do Ginasio Entrecho e até grande parte do dialogo Fomos ler o conto e certificamo-nos



de que o nosso amigo tinha dito a verdade.

Um dia topámos com o citado autor e largámos lhe esta:

—Com que então você roubou a sua peça d'um conto francès?

Julgam que o homem embateu? Qual! franziu as sobrancehas e disparou, com desconsolo:

—Triste paiz este! em que se não pode ver uma camisa lavada a ninguém!

Chamava ele á tal pouca vergonha «camisa lavada...»

Correspondencia

SALREU.—Quem o não conhecer que o compre e saberá a besta que leva.



Literatura oficial

Estreou-se excelentemente o novo comissariado das subsistências, não só providenciando ácerca das faltas no mercado, mas também redigindo os diplomas com uma elegancia de estilo e uma precisão a que não estamos habituados.

Exemplo, o decreto do leite, aquele que começa: «Desde algum tempo que em Lisboa se vem notando a falta de leite». Vejam o rigor com que foi feito o primeiro «considerando»: «Considerando que o preço das forragens para alimentação das vacas se tem agravado bastante...» Leram? O preço das forragens agravou-se «bastante», isto é, «suficientemente», o que significa, que o comissariado não consente que se agrave mais.

O decreto está cheio d'estas perfeições, mas só mais uma anotaremos, para não nos tornarmos enfadonhos, e é a que reza do artigo 7.º — «A partir de 1 de Janeiro de 1921 é prohibido vender leite mungido de vacas ou cabras em deambulação pelos povoados.»

Hão-de concordar que em «deambulação» é muito catita.

Praias & termas

N'uma praia do norte, um sujeito farto de procurar casa, resolve-se a alugar uma por um conto de réis, para o mez de setembro. Feito o contrato, pergunta ao proprietario:

— Já agora, diga-me porque é que esta casa é tão cara...

— Ora essa! E' porque d'aqui «ouve-se» o mar!



Fifi é o encanto da praia. Está sempre rodeada de admiradores, que lhe dirigem mil amabilidades e lhe espreitam as inclinações. Hontem, no Casino, entre dois compassos de uma valsa, o par:

— V. ex.ª prefere Strauss ou Chopin?

A Fifi, sorrindo:

— A minha bebida predileta é o Champagne...



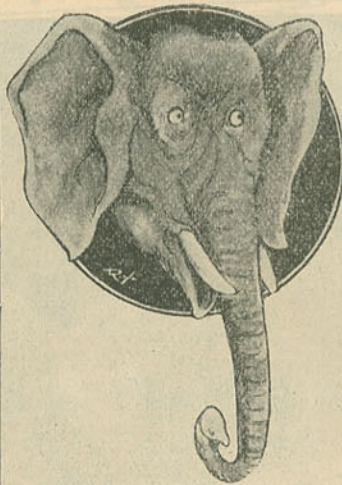
Extranha-se muito, na Povoá do Varzim, que as manas Pintos nunca apareçam juntas. De cada vez aparece a mãe Pinto com uma das filhas, que explica a quem lhe nota o facto:

— A mana está hoje com uma tal enxaqueca! Hontem foi encontrada n'uma barraca da praia a seguinte carta, esquecida, que põe o misterio a descoberto:

«Querida Maria:

«Com respeito ao que me pedes, isto é, a mandar-te o par de botas que dejes para a nossa Emilinha, é impossivel satisfazer-te, porque bem sabes que para tu e as nossas filhas irem para aí gosar e vêr se elas arranjavam

EM FOCO



Ipana

Mais de meia Lisboa corre a vê-lo, Como a Venus, em tempo não distante, E é d'ouvir o que exclama o visitante Na presença do bruto, vindo a pêlo.

Diz este: — E' mais bonito que o camêlo! Aquele, entusiasmado: — Que elegante! Est'outro: — Que beleza d'elefante, Que fino, que talento, que modêlo!

Dá-lhe este adocicado paparico, Outro afaga-lhe a tromba graciosa, Outro passa-lhe a mão pela epiderme...

Mas nada se compara ao novo-rico Que comentou, ha dias, para a esposa: — Tão novo e, ao que se diz, já paquiderme!

BELMIRO

noivo, tive até de empenhar o relógio e a cadeia. Dize ás pequenas que continuem a governar-se como até aqui, com um par de botas para as duas, ficando uma em casa quando a outra sair. Sem mais, ten marido muito amigo

Pinto».

Dactilografias

Estão alguns sujeitos indignados porque as damas competem com eles em varios misteres e estão algumas meninas igualmente enxofradas porque aqueles sujeitos as querem privar de ganhar o pão com o suor do seu rosto, fóra de casa. Por enquanto quem está em foco



são as dactilografias e é de vêr como as pequenas se defendem com unhas e dentes, nas columnas do «Seculo», aduzindo argumentos irrespondiveis, a favor da sua causa: que dão ao dedo mais depressa de que os homens, que são pontuais, que exigem menos ordenado, etc.

Pois então, aí vai mais um alvitre, que conriliará as duas partes em litigio — a forte e a fraca — cumprindo assim, a nossa missão na imprensa portu-

guêsa, qual é a de sermos uteis e agradaveis ao mesmo tempo.

Não se toca piano a quatro mãos? Toca e com proveito. Pois então faça-se o mesmo com as máquinas de escrever: quem precisar de serviços dactilograficos, contrate um homem e uma mulher, para trabalharem a quatro mãos e d'esse modo conseguirão rapidez, que o tempo é dinheiro, e harmonia entre os dois sexos, o que tambem não deixa de ser agradável.

Isto, não falando no provavel, em que semelhante sistema viria a ser um correctivo para a emigração, porque, evidentemente, a população aumentaria.

Torre de chifre

O Bussaco

Alta serra, altos arvoredos, Cedros, arvoros centenarios, Vós ouvistes os meus segredos Como se fosseis rochedos De praias imaginarias!

Lá andei com a minha amada, O' Bussaco encantador, Em formosa madrugada Quando a abelha prateada Voava de flôr em flôr!

Ao longe a serra da Estrela De neve branca coberta Era uma delicia vê-la Ao sol posto amarela N'uma tonalidade incerta.

Que felizes recordações En tenho de ti, ó Lisboa! Mando-te estas saudações, As minhas pobres canções Em estilo ameno e confuso!

Jaime Lameiro.

A enterite de um hospede ilustre



Ipana chora e contorce-se. Um espectador afirma que foi de ter comido um pão do tipo unico da Moagem.